

## Traços biográficos da rainha Teresa de Portugal (? – 1130)

Biographical Notes of Queen Teresa of Portugal (? – 1130)

Aspectos biográficos de la reina Teresa de Portugal (? - 1130)

**Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

mariane.godoy@yahoo.com.br

orcid.org/0009-0002-9650-6294

Recibido: 7/9/23 Aceptado: 20/9/23

**Resumo:** Desenvolvida no campo de História das mulheres, o principal objetivo desta comunicação é construir uma biografia da Rainha Teresa de Portugal a partir da historiografia brasileira, sul-americana e ibérica. Teresa era filha bastarda do rei Afonso VI de Leão e Castela e foi, por designação do seu pai, governante do Condado Portucalense junto com seu marido, o Conde D. Henrique desde 1096. Este casamento fazia parte da política matrimonial do rei leonês-castelhano em relação a região da Borgonha, local em que se encontra a Abadia de Cluny. Com a morte de seu esposo, ela passa a governar o território como regente para o seu filho Afonso Henriques. A partir de 1121, ela forma uma aliança com família galega dos Trava, em especial com Fernão Peres de Trava, que virá a ser seu companheiro nessa fase de sua vida. Essa associação desagradou a nobreza local, que apoiando o infante, expulsaram Teresa das terras portucalenses em 1128 na Batalha de São Mamede. A partir daí, iniciou-se um processo paulatino de formação de novo reino independente de Leão e Castela sob o comando de Afonso Henriques. Teresa morreu no exílio na Galiza em 1130.

**Palavras-chaves:** Rainha Teresa- Condado Portucalense- Conde Henrique de Borgonha- São Mamede- Biografia.

**Abstract:** Developed in the field of Women's History, the main objective of this paper is to build a biography of Queen Teresa of Portugal based on Brazilian, South American and Iberian historiography. Teresa was the bastard daughter of King Afonso VI of León and Castile and was, by designation of her father, ruler of the Portucalense County together with her husband, Count D. Henrique since 1096. This marriage

was part of the matrimonial policy of the Castilian-Leonian king in relation to the region of Burgundy, where the Abbey of Cluny is located. With the death of her husband, she started to govern the territory as regent for her son Afonso Henriques. From 1121, she forms an alliance with the Galician Trava family, in particular with Fernão Peres de Trava, who will become her companion at this stage of her life. This association displeased the local nobility, who, supporting the Infante, expelled Teresa from the Portuguese lands in 1128 in the Battle of São Mamede. From there, a gradual process of formation of a new independent kingdom of León and Castile under the command of Afonso Henriques began. Teresa died in exile in Galicia in 1130.

**Keywords:** Queen Teresa- Portucale- Count Henrique- Battle of São Mamede- Biography.

**Resumen:** En el marco de los estudios sobre la Historia de las Mujeres, el objetivo principal de la presente investigación es construir una biografía de la reina Teresa de Portugal basada en la historiografía brasilera, sudamericana e ibérica. Teresa era hija bastarda del rey Alfonso VI de León y Castilla y fue, por designio paterno, gobernante del Condado de Portugal, junto con su esposo el conde D. Henrique desde 1096. El casamiento fue parte de la política matrimonial del rey castellano-leonés en relación con la región de Borgoña, donde se ubicaba la Abadía de Cluny. Al morir su esposo, ella comenzó a gobernar el territorio como regente de su hijo Afonso Henriques. Desde 1121, se alió con la familia gallega de los Trava, especialmente con Fernão Peres de Trava, quien se transformó en su compañero en esta etapa de su vida. Esta asociación no fue vista con buenos ojos por la nobleza que, apoyando al Infante, expulsó a Teresa de las tierras portuguesas en 1128 luego de la batalla de São Mamede. Desde ese momento, se inició un proceso gradual de formación de un reino independiente de León y Castilla bajo las órdenes de Afonso Henriques. Teresa murió en el exilio en Galicia en 1130.

**Palabras clave:** Reina Teresa- Portugal- Conde Henrique- Batalla de São Mamede- Biografía.

## 1. O reino de Castela e Leão – Casa de Borgonha: uma aproximação

Os reinos cristãos peninsulares, durante o século XI, prosperaram após uma trégua nos conflitos com os reinos muçulmanos e normandos. (Rucquoi 1995) O crescimento demográfico, segundo a historiografia, teria ocorrido a partir do reavivamento da via de peregrinação francesa à cidade de Santiago de Compostela,<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Segundo a tradição, o corpo do apóstolo Santiago foi descoberto na Península Ibérica no século VIII e no início do século X, os primeiros peregrinos começaram a se dirigir para a Galiza, em busca de bênçãos. <sup>1</sup>

que ligava a Galiza às cidades do Além Pirineus, trazendo uma série de novas ideias, impulsionando a vida urbana e comercial peninsular. Também teriam trafegado por essa rota peregrinos, comerciantes e militares provenientes de Borgonha, Aquitânia e Normandia, com o intuito de ingressar na luta armada contra os muçulmanos,<sup>2</sup> em troca de terras e títulos.

O rei Sancho III de Pamplona (1000-1035) e seu filho Fernando I de Castela (1035-1065) começaram a empreender uma política ligada à aproximação com os franceses, em especial com a Abadia de Cluny,<sup>3</sup> localizada em Borgonha. Porém, foi no reinado de Afonso VI (1065/1072-1109) que esta estratégia se intensificou. Os monarcas da Península financiaram a construção de mosteiros em solo hispânico, realizaram doações e concederam privilégios para os religiosos ligados à Cluny, como, por exemplo, o arcebispo de Toledo, Bernardo<sup>4</sup>. (Soares 1975: 378) Ele teria vindo para a Península – com a intervenção da rainha consorte Constança de Borgonha – com o objetivo de estreitar a relação entre o reino castelhano-leonês e a ordem e aconselhar o rei Afonso, enquanto implantava o seguimento da regra beneditina, à semelhança de Cluny, nos mosteiros peninsulares.

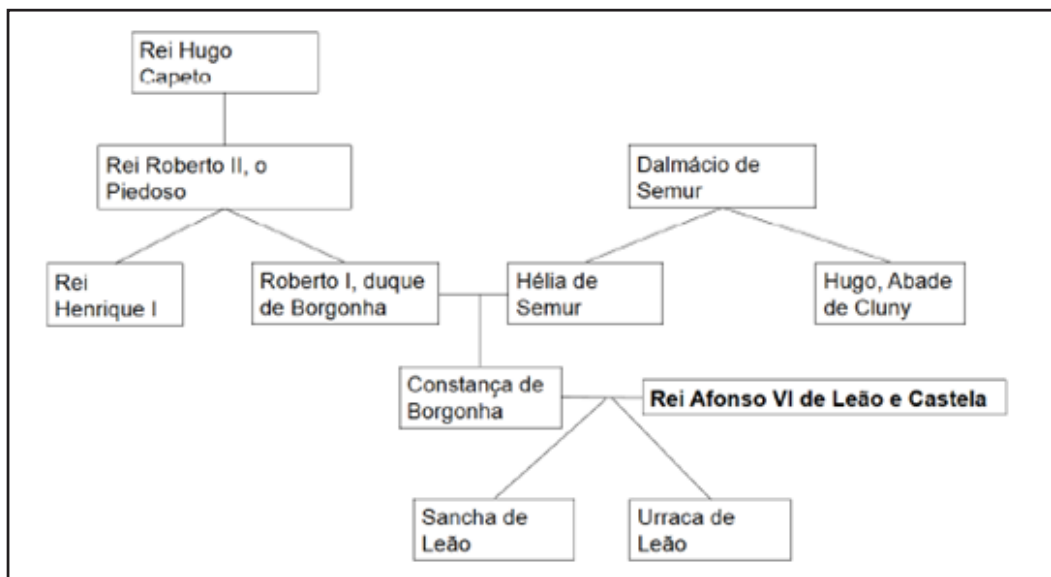
A política e o contato entre ambos os reinos permitiram também a criação de alianças marcadas pelo matrimônio, em especial no reinado de Afonso VI. Este rei, ao longo de sua vida, teria se casado quatro vezes com mulheres provenientes da França,<sup>5</sup> como também, dando continuidade a essa estratégia, casou duas de suas filhas com nobres borgonheses. O intuito era perpetuar o elo e garantir uma descendência comum com a Casa de Borgonha, ratificando o apoio que teria de membros influentes daquela família, como o abade Hugo de Cluny. (Casotti 2015)

---

rém, apenas na primeira metade do século XI, com o enfraquecimento das ameaças externas (normandos e califado de Córdoba), a peregrinação ganha forças e a localidade de Santiago de Compostela deixa de ser um pequeno povoado para se transformar em uma das cidades-santuário mais populares do mundo cristão ocidental, perdendo apenas para Roma e Jerusalém.

- 2 No ano de 1095, no Concílio de Clermont, o Papa Urbano II (1088-1099) faz um apelo a luta contra os muçulmanos, que na Península Ibérica significava a busca pelas terras que precisavam ser submetidas à Cristandade. Sendo assim, cavaleiros, sem propriedades e títulos, foram atraídos à região com a promessa de salvação e territórios.
- 3 Fundada na região de Borgonha em 909, em um contexto marcado pela luta contra a influência laica em questões eclesiásticas. Desta forma, os monges desta abadia reconheceriam com autoridade apenas o Papa, fugindo do raio de poder de senhores laicos, e restauraram, de modo mais rigoroso, a regra beneditina. O abade de Cluny passou a ser a figura proeminente da cristandade ocidental, perdendo apenas para o Papa.
- 4 Bernardo de Sédillac foi um monge cluniacense em S. Orens de Auch, e partiu para a Espanha a pedido de Hugo de Cluny com o objetivo de servir o rei Afonso VI, com a missão de organizar a observância da disciplina cluniacense e aconselhar o monarca. Foi nomeado abade no mosteiro de Sahagún em 1080, ano do casamento do rei de Leão e Castela com Constança, rainha que o ajudou a se eleger para a Metrópole de Toledo, após a conquista desta em 1085.
- 5 Considerando que a moura Zaida (Isabel) não teria sido legítima, Afonso VI teria se casado quatro vezes: a primeira vez com uma mulher vinda da Aquitânia, a segunda e a terceira com borgonhesas e a quarta com uma mulher de Poitiers, região também localizada na França.

No ano de 1080, o rei Afonso VI casa-se (pela segunda vez) com a citada nobre Constança, membro da família ducal de Borgonha, um dos ramos da dinastia capetíngia. Seu pai era Roberto da França, o primeiro duque de Borgonha e irmão mais novo do rei Henrique I (o rei Capeto). Sua mãe era a nobre Hélia de Semur, cujo irmão, Hugo, era o abade de Cluny (1049-1109).<sup>6</sup>



Árvore genealógica da rainha Constança de Borgonha.<sup>7</sup>

A historiadora Marta Silveira (1996:168) defende que o próprio Hugo teria ajudado a promover o matrimônio de sua sobrinha, como mais uma peça de seus avanços políticos na Península Ibérica. De fato, a rainha Constança, ao longo de seu casamento, teria sido uma das principais incentivadoras das reformas cluniacenses em todo o território governado por seu marido, juntamente com o Arcebispo Bernardo de Toledo,<sup>8</sup> que também assessorou a união.

Do enlace, o casal teria tido seis filhos, no entanto, apenas duas meninas (Urraca e Sancha) teriam sobrevivido. O casamento chegou ao seu fim com a morte da rainha no ano de 1093, gerando assim o terceiro casamento do rei. Porém, nesta mesma época, ele teria se envolvido com uma nobre castelhana chamada Ximena Moniz, com quem teve duas filhas, Teresa e Elvira.

O autor Marsílio Cassotti (2015:50) defende a ideia de que essa origem ilegítima

6 O abade Hugo de Cluny também era tio avô de Henrique, o sobrinho de Constança, que se casou com uma das filhas do rei.

7 Nossa autoria.

8 Ver nota 04.

tima da infanta não teria sido usada contra ela para desfavorecer sua posição, pois, segundo ele, o matrimônio canônico ainda não tinha sido imposto em todos os territórios da cristandade e a ilegitimidade de nascimento era constante. Nesse artigo, focaremos na trajetória de Teresa.<sup>9</sup>

No ano de 1091, a filha mais velha e legítima de Afonso VI, Urraca de Leão, casa-se com Raimundo, membro da família condal de Borgonha e irmão da terceira esposa do rei, Berta.<sup>10</sup> Ele era o quarto filho do Conde Guilherme I, logo, sem pretensões de assumir o título de seu pai e suas terras. Sendo assim, teria partido para a Península Ibérica, a fim de ingressar nos conflitos armados contra a ocupação moura, juntamente com seu primo Eude I,<sup>11</sup> futuro duque de Borgonha. A historiografia afirma que ele teria frequentado a corte de Afonso VI desde 1090, embora o casamento só tenha se ocorrido um ano depois, provavelmente para respeitar a idade núbil de Urraca. Após o matrimônio, o casal permaneceu na corte, pois o dote, o governo da Galiza, foi concedido ao casal apenas três anos depois, em 1093.

As estratégias políticas que visavam à aproximação dos reinos peninsulares com Cluny geraram um descontentamento de membros do clero e nobres locais. Eles viram seu poder e sua zona de influência perderem espaço com a chegada de ritos moldados pela ordem monástica cluniacense, como também com a tomada de cargos eclesiásticos por estrangeiros, no lugar de hispânicos.

Uma revolta teria ocorrido na Galiza em 1088, quando o Bispo Diego Páez (Diego I de Compostela) e um nobre local chamado Rodrigo Ovéquiz teriam tentado conquistar a independência da região em relação ao governante de Leão e Castela. (López Ferreiro 1898-1909: 151-179) Ambos eram partidários do antigo rei Garcia, irmão de Afonso VI, que foi destronado e preso. Demorou cerca de dois anos para que o rei Afonso conseguisse extinguir o movimento.

A partir desse momento, o casal Urraca e Raimundo passou a assumir o governo da região no formato de condado do reino leonês-castelhano. O território correspondia a região da Galiza e do Condado de Portucale, que estava sob o poderio de Afonso VI desde a prisão de Garcia. Com membros da família no comando, a ideia era que o rei teria um maior controle e proteção dessas terras.

Teresa, a filha ilegítima de Afonso VI, também se casou com um nobre vindo de Borgonha no ano de 1096. Para Cassotti (2015:75), Henrique nasceu por volta de 1070 e era primo de Raimundo por parte de mãe, Sibila de Borgonha, que era irmã de

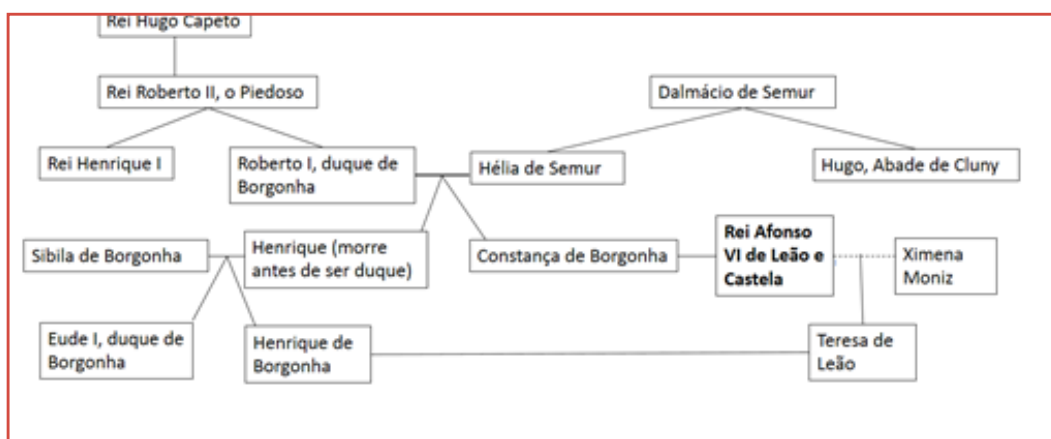
---

9 Também mencionamos aspectos da trajetória de sua irmã Urraca, visto que alguns acontecimentos da vida dela influenciaram diretamente a de Teresa.

10 Na época do casamento de Urraca, a união de Berta com o rei Afonso VI ainda não teria se realizado.

11 Irmão de Henrique, marido de Teresa, filha de Afonso VI.

seu pai, o Conde Guilherme I. O noivo era sobrinho da Rainha Constança, já falecida na época do casamento, pois ela era irmã de seu pai, o nobre Henrique de Borgonha, que morreu antes de chegar a duque. Deste modo, Henrique, o marido da princesa castelhana-leonesa, era sobrinho-neto de Hugo de Cluny, relação de parentesco sempre lembrada pela historiografia, que afirma que a busca pelos conselhos do abade foi bastante recorrente ao longo de sua vida. (Mattoso 2006:21-23)



Árvore genealógica da família do conde Henrique de Borgonha.<sup>12</sup>

Possivelmente, Urraca não teria se casado com Henrique, que era membro da família ducal de Borgonha e descendente de Hugo Capeto, devido às novas medidas da Igreja Romana acerca do parentesco entre eles. Por ele ser sobrinho da Constança, Henrique seria primo de primeiro grau de Urraca, uma relação vista como incestuosa, logo, ilícita pelos padrões da Igreja Romana. Já o casamento com Teresa era considerado lícito, pois o casal não tinha nenhum laço familiar em comum.

No entanto, em sua pesquisa, Torquato de Souza Soares (1975:374) escreve que na época em que o casamento teria sido realizado, a futura esposa, Teresa, teria apenas dois anos de idade, enquanto Henrique teria por volta de dezessete anos, contrariando a mudança feita pela Igreja Romana de que ambos os noivos deveriam consentir com a união. Todavia, não há consenso na historiografia sobre esse tema. Muitos pesquisadores defendem, como é o caso de Cassotti (2015:75), que ela seria mais velha, já por volta dos sete ou oito anos. Outros pesquisadores (Dzialak-Szubinska 2016:51; Oliveira 2010:23) afirmam que sua idade se equiparava a de Urraca, antecipando assim em uma década o envolvimento da nobre Ximena com o rei Afonso VI.

12 Nossa autoria.

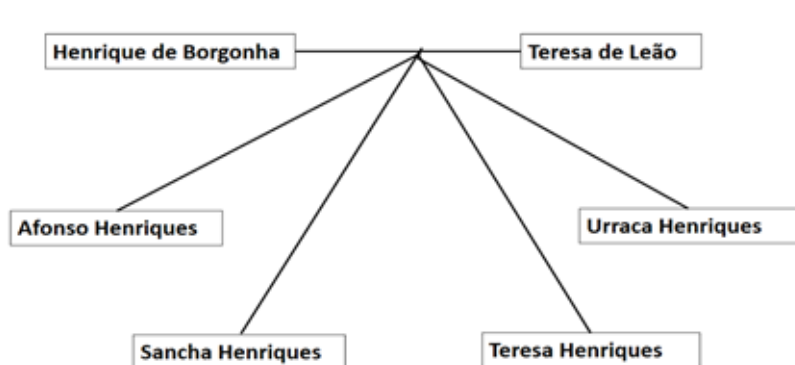
A quebra da regra canônica por Afonso VI, segundo Soares, foi motivada em razão da derrota que o exército de Raimundo teria sofrido pelos almorávidas em Lisboa, em fins do ano de 1094 e início de 1095. Este fato motivou o casamento de Henrique e Teresa às pressas. O rei castelhano-leonês, com medo da escassa proteção de seus territórios no oeste da península, decidiu separar as terras que estavam sob o comando de Raimundo e dar a porção sul, correspondente ao anterior Condado Portucale, ao nobre Henrique, que recebeu o título de conde, e a sua esposa, Teresa. Após o enlace, Henrique não ficou dependente de seu primo, o antigo detentor das terras. Soares (1975:373) afirma que naquela conjuntura ele já teria dado provas do seu valor e competência militar. Desta forma, ele ficaria ligado apenas ao seu suserano e sogro, Afonso VI.

Como o Condado de Portucale estaria enfrentando ameaças almorávidas na fronteira sul, Henrique, recém-casado, seguiu em campanha na fronteira do rio Tejo, enquanto Teresa estava sob os cuidados do seu aio (tutor) Soeiro Mendes e de sua esposa Gontronde Moniz. (Soares 1975:374) O casal, na verdade, eram os tios maternos de Teresa, visto que Gontronde era a irmã de Ximena Moniz, sua mãe.

Durante seu governo, Henrique teria elegido cortesões franceses para ocupar cargos políticos, gerando assim impopularidade com a aristocracia hispânica, que os consideravam com intrusos.

## 2. Crise sucessória

O casal de condes, Henrique e Teresa, teria governado o Condado sem grandes complicações. O casal teria tido quatro filhos, três meninas (Urraca, Sancha e Teresa) e um menino, Afonso Henriques, garantindo assim a sucessão do governo.



Árvore genealógica da família do conde Henrique de Borgonha.<sup>13</sup>

13 Nossa autoria.



Porém, é possível que o casal tivesse a pretensão de aumentar o território (Cassotti 2015:99) por meio de uma possível herança de Afonso VI, mesmo Teresa sendo a filha bastarda do rei. Anteriormente, tanto o rei Sancho III de Pamplona (bisavô de Teresa), como Fernando I, o Magno (avô de Teresa), ao morrerem (o primeiro em 1135 e o segundo em 1165), teriam dividido suas terras com seus filhos, inclusive entre os bastardos. Porém, qualquer expectativa acabou sendo frustrada. Primeiramente, porque a configuração política do reino era outra durante o reinado de seu pai e a costumeira divisão não tinha mais espaço político.

Ao longo do seu governo, Afonso VI alcançou conquistas militares, em especial a antiga capital do reino visigodo, Toledo, em 1085, deslocando cada vez mais o limite do seu território. Com essa campanha militar, passou a carregar o título de “Imperador de toda Hispania”. (Mattoso 2006:19) Sendo assim, dividir todo o seu império após a sua morte não estava em seus projetos.

Outro fato que poderia ter dificultado a situação de Teresa foi a ilegitimidade do seu nascimento. Como dito anteriormente, Afonso VI teria se casado quatro vezes, porém até o fim do século XI só sobreviveram filhas do sexo feminino, duas legítimas e duas bastardas.

Marta Silveira (1996:188-189) escreve que na falta de um filho varão, uma mulher poderia ascender ao trono em Leão e Castela. A pesquisadora Rosa Pomar (1996:214), ao tratar de *Medieval Queenship*, uma linha de estudos dedicada ao papel que cumpria a mulher que se torna rainha e o que dela era esperado, afirma que, no século XII, o governo de um determinado território era assumido por uma mulher por estrita necessidade, como em casos de menoridade do herdeiro masculino ou inexistência de um herdeiro varão.

Sendo assim, a princesa Urraca, mais velha e legítima, teria direito a herança e ao cargo de rainha. Todavia, essa situação se modificou. Por volta dos anos 1100, o rei Afonso VI teria se envolvido em um relacionamento extraconjugal com uma mulher de origem moura chamada Zaida (batizada como Isabel).<sup>14</sup> Dessa relação, o casal teria tido três filhos, duas meninas e um menino, chamado Sancho Afonses, nascido entre 1099 e 1101.

Afonso VI decidiu reconhecer o menino como seu legítimo sucessor no lugar de Urraca, confrontando as perceptivas de heranças tanto de Urraca e de Teresa, como de seus esposos, Raimundo e Henrique. Os maridos, então, segundo Oliveira Marques (1974:63), teriam firmado um pacto secreto com o intuito de formar uma

---

14 Não há consenso sobre as origens de Zaida. Ela seria a viúva do filho do rei mouro de Sevilha Al-Mutamid, que tinha sido assassinado pelos almorávidas em 1091, e concedida à Afonso VI como sua concubina.



aliança contra os planos do sogro. Sendo assim, com a iniciativa do Abade Hugo (Cassotti 2015) e perante o enviado cluniacense Dalmácio Geret, o Arcebispo de Braga, Geraldo, e o Arcebispo de Toledo, Bernardo, Henrique se comprometeu a ajudar e aconselhar Raimundo como herdeiro do trono castelhano-leonês e, em troca, ganharia o governo hereditário de Toledo e do seu antigo reino Taifa, com um terço de todo o tesouro da cidade; caso seu primo não pudesse entregar Toledo, concederia a Galiza. Torquato Soares, ao escrever sobre o pacto, afirma sobre o seu caráter sagrado, devido à intervenção de um representante religioso. Dessa forma, ele valeria inclusive após a morte de Raimundo, ocorrida em 1107, obrigando Henrique a defender os interesses de seu sobrinho, Afonso Raimundes. (Soares 1974:384)

É possível concluir que a Igreja Hispana e a ordem cluniacense não reconheciam o relacionamento de Afonso VI com Isabel, e muito menos a hereditariedade de Sancho Afonses, que por ser filho de uma mulher de origem moura, colocava em risco os reinos cristãos do Norte à intimidação almorávida. Logo, Raimundo e seu filho recém-nascido Afonso Raimundes seriam opções mais apropriadas e cristãs para ocupar o trono, possibilitando inclusive a influência direta de Cluny na direção do reino. Isso explicaria a presença de homens ligados a essas instituições no estabelecimento do pacto sucessório.

De qualquer forma, os planos de Afonso VI não deram certo. Seu herdeiro, em maio de 1108, ao participar juntamente com seu aio, o nobre Garcia Ordonhez, da Batalha de Uclés, que opôs os almorávidas aos cristãos, morreu, gerando uma crise sucessória no governo de Leão e Castela. Uclés era um castelo que protegia a cidade de Toledo, a antiga capital do reino visigodo. O apoderamento desse castelo colocava em risco a segurança do reino cristão. Outro problema que resultou dessa batalha foi a morte de sete nobres militarmente estratégicos para o reino.

Para resolver a situação, Afonso VI convocou as Cortes de Toledo, na primavera/verão de 1108, e anunciou a toda a sua corte que a sua filha legítima Urraca, já viúva de Raimundo há quase um ano, iria se casar com o rei Afonso I de Aragão, com o intuito de unir forças contra a presença muçulmana. A princesa até poderia herdar o trono sozinha, no entanto, seu pai optou por casá-la novamente para evitar o enfraquecimento do reino e uma crise interna promovida entre os nobres que desejavam desposá-la, visto que seu filho Afonso Raimundes ainda era uma criança com dois ou três anos.

Essa medida não foi favorável ao partido francês e principalmente a Henrique e Teresa. A nova proposta de casamento romperia com toda a política borgonhesa de colocar Afonso Raimundes, um príncipe com sangue de Borgonha no trono, e a própria influência que eles poderiam obter sob o novo rei.

O casamento entre Urraca e Afonso I foi concretizado no mês de setembro do ano de 1109, cerca de dois meses após a morte de Afonso VI. O enlace acabou gerando a ação de diversos grupos contrários, resultando em uma crise política nos reinos cristãos do Norte da Península Ibérica, que duraria quase uma década.

Marta Silveira desenvolveu sua pesquisa (1996) acerca dos acontecimentos que sucederam a essa união no século XII. Ela afirma que os partidos, cada qual com seus interesses específicos, contribuíram para a nulidade do casamento, em 1110, dada oficialmente pelo papa Pascoal II (1109-1118). Porém, mesmo após a separação, conflitos armados ocorreram nos reinos cristãos ibéricos nos anos que se seguiram. Para Barros e Dias (2007:335), para o rei Afonso VI de Leão e Castela, a ideia desse enlace era garantir a estabilidade de Urraca como governante em relação aos diversos opositores.

Dos grupos de oposição, podemos destacar os condes portugueses Teresa e Henrique, que, como já dito, tinham interesse em conquistar uma maior autonomia para o Condado de Portucale e por isso, durante os conflitos, mudaram de lado de acordo com sua conveniência. Além disso, a nobreza galega, liderada pelo conde Pedro Froillaz de Trava, tinha o objetivo de conquistar a autonomia da Galiza e benefícios, caso o infante Afonso Raimundes fosse o sucessor ao trono.<sup>15</sup>

Com a morte de Henrique, no ano de 1112, Teresa continuou com sua postura ambígua no cenário da Península Ibérica do século XII, fazendo e desfazendo alianças de acordo com seus interesses imediatos. (Cassotti 2015:135) Em 1116, ela se juntou a Família Trava em um cerco à sua irmã, a Rainha Urraca, no castelo de Sobroso. Eles tinham como objetivo conquistar uma maior autonomia tanto para a região da Galiza como para o Condado Portucale, por meio do reconhecimento do infante Afonso Raimundes como herdeiro do trono.

Em 1117, Teresa passa a se intitular rainha como uma forma de reconhecimento social da sua posição de filha do rei Afonso VI, embora bastarda. Desta forma, igualando-se à sua irmã, a Rainha Urraca, buscava impor sua campanha militar e ambições políticas.

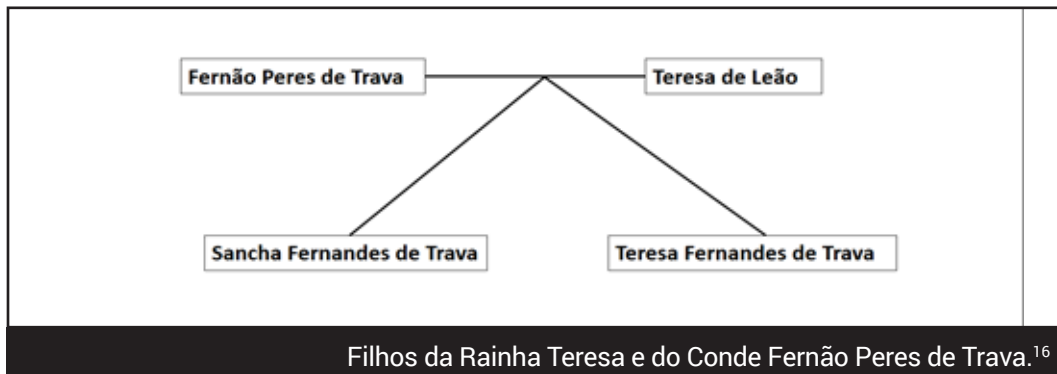
### 3. Família Trava: uma nova aliança

Essa aliança entre a família Trava e a Rainha Teresa foi além do campo político, visto que ela teve um relacionamento conjugal com um dos filhos de Pedro

---

15 Marta Silveira afirma que caso Urraca e Afonso I de Aragão viessem a ter filhos, a criança herdaria o trono no lugar de Afonso Raimundes, filho dela com o primeiro marido. (1996:215-216)

Froillaz, o Conde Fernão Peres de Trava. (Mattoso 2006:31-32) Juntos, o casal teve duas meninas:



Porém, essa relação não foi plenamente aceita por seus contemporâneos. Muitos, em especial os eclesiásticos, (Mattoso 2006:31) a viam como algo ilícito, pois Fernão teria repudiado sua primeira esposa, ainda viva, para viver ao lado de Teresa. No entanto, para outros grupos, como os nobres leigos, a união deles era legítima: um relacionamento conjugal formado por uma aliança política.

Outra estratégia política que aproximou ainda mais Teresa dos Trava foi o casamento de Urraca Henriques, filha de Teresa com seu primeiro marido, Henrique, com Bermudo Peres de Trava, irmão de Fernão.

#### 4. Anos finais

José Mattoso (2006:36) afirma que o Conde Fernão se estabeleceu na corte de Teresa a partir de janeiro de 1121, e foi contemplado com a tenência de Coimbra. Para Cassotti (2015:138), Teresa teria se fechado em um círculo de nobreza galega, formando assim uma nova elite em suas terras. Esse novo arranjo desagradou alguns nobres do Condado Portucalense, que, nos anos seguintes, cortaram seus apoios ao governo da rainha, ao retirarem-se fisicamente da corte. Eles percebiam a presença do companheiro da soberana, e de outros galegos, como uma intromissão à autoridade do Condado, trazendo um risco à autonomia senhorial portucalense, (Mattoso 2006:36-37) como já havia acontecido anteriormente no governo do Conde Henrique, quando ele havia nomeado franceses ligados à Borgonha e à Cluny para exercer cargos eclesiásticos e leigos.

<sup>16</sup> Nossa autoria.

A partir da intensificação dessa rivalidade e da proximidade da Rainha Teresa com Fernão Peres de Trava, o infante Afonso Henriques, filho da Rainha com o seu primeiro marido, já armado cavaleiro em Zamora em 1125, junta-se aos nobres revoltosos na Batalha de São Mamede, ocorrida em 1128, na qual Teresa, Fernão e seus seguidores foram derrotados e exilados do condado. (Mattoso 2006:46)

Não há muitos testemunhos documentais sobre esse período da vida de Teresa. Sabe-se pela *Chronica Gothorum* (Brandão 1944: 263-273) que ela teria vivido por mais dois anos. Cassotti (2015:203) afirma que ela ficou na companhia de sua filha Sancha Henriques, esposa de Sancho Nunes Pombeiro, uma vez que Fernão Peres de Trava teria voltado a viver com sua primeira esposa, com a qual teve novos descendentes.

A pesquisadora portuguesa Maria do Rosário Ferreira (2014) defende a ideia de que Teresa teria passado os últimos anos de sua vida elaborando uma estratégia para a apropriação dos direitos soberanos de seu antigo território para passá-los para sua filha mais velha, Urraca Henriques. Porém, o único elemento que confirmaria essa teoria seria a revolta malograda de seu cunhado Bermudo Peres de Trava, ocorrida em 1131.

De qualquer forma, os documentos medievais e a historiografia não partilham dessa teoria. Assim, a Batalha de São Mamede, que gerou o exílio de Teresa e sua “aposentadoria”, foi considerada, por obras contemporâneas ao evento, como um possível pontapé inicial (Mattoso 2006) da organização do reino de Portugal, do qual Afonso Henriques seria o primeiro rei da Dinastia Borgonhesa. Teresa teria morrido no dia 1 de novembro de 1130.

## Referências bibliográficas

- BRANCO, Maria João, BARROS, Isabel de (2007), “Metamorfoses de Urraca de Castela- Leão e de Teresa de Portugal: construções e desconstruções das imagens de duas rainhas”, eds. CASTRO, Armando López; CUESTA TORRE, María Luzdivina, *Actas del Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, León, Universidad de León, Servicio de Publicaciones, 335-347.
- BRANDÃO, Antonio, Frei (ed.) (1944), *Monarquia Lusitana*, Parte Terceira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 263-273.
- CASSOTTI, Marsílio (2015), *D. Teresa – A primeira rainha de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- DÓMINGUEZ, Gregória Cavero (1996), “El perfil político de Urraca y Teresa, hijas de Alfonso”,

- Actas del II Congreso de História de Guimarães*, celebrado em Guimarães, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães – Universidade do Minho, 7 v., V. 2, 5-16.
- DZIALAK-SZUBINSKA, Anna (2016), “As duas faces de D. Teresa (cca 1080-1130): do anti-exemplo à mulher exemplar”, eds. GRAUOVÁ, árka; JINDROVÁ, Jaroslava; RAMOS, Joaquim Coelho. *Língua portuguesa na Europa Central estudos e perspectivas*, Praga, Karolinum Press, 51-60.
- DZIALAK-SZUBINSKA, Anna (2014), “D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, à luz da «Crónica de El-Rey D. Affonso Henriques» de Duarte Galvão. As «origines regni» revisadas”, CZOPEK, Natalia; RZEPKA, Anna (orgs). *Studia Iberystyczne: Universos de Língua Portuguesa em debate*, Cracóvia, 13.1, 53-66.
- FERREIRA, Maria do Rosário (2011), “Afonso Henriques: do valor fundacional da desobediência”, *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, 34, 55-70.
- FERREIRA, Maria do Rosário (2016), *L'action culturelle de la reine Teresa du Portugal*. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/e-spania/25777>>. Data de acesso: 27=07/2023.
- FERREIRA, Maria do Rosário (2014), *La reine est morte: la succession politique des filles de roi aux XIe et XIIe siècles*. Disponível em: < <http://e-spania.revues.org/23433> >. Data de acesso: 17/01/2023.
- LÓPEZ FERREIRO, A. (1898-1909), *Historia de La Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*, Santiago de Compostela, v. 2.
- MARQUES, Antônio Henrique de Oliveira (1974), *História de Portugal*, Lisboa, Palas.
- MATTOSO, José (2006), *D. Afonso Henriques*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores.
- MOLINA, Ángel G. Gordo (2008), “Hispania em clave feminina: Urraca I de León y Teresa de Portugal. Las relaciones de fronteras y el ejercicio de la potestad femenina en la primera mitad del siglo XII: Jurisdicción, Imperium y linaje”, *Intus-legere Historia*, 2.1, 9-23.
- POMAR, Rosa (1996), “D. Teresa, mulher e governante do século XII”, *Actas del II Congreso de História de Guimarães, celebrado em Guimarães*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, Universidade do Minho, 7 v., V. 2, 205-219.
- RUCQUOI, Adeline (1995), *História medieval da Península Ibérica*, Lisboa, Estampa,
- SCOTT, J. (1992), História das mulheres, ed. BURKE, Peter, *A escrita da História*, São Paulo, Unesp, 64-94.
- SILVEIRA, Marta de Carvalho. (1996), *Amor e poder: o casamento de Urraca e Alfonso*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade do Minho, Braga.

tação de mestrado (Mestrado em História social). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ.

SOARES, Torquato Sousa (1975), *O governo do Conde Henrique de Borgonha*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.